

Prefácio 2

*Stephen Stoer*¹

Perscrutar e Escutar a Surdez

Que título interessante para esta impressionante colecção de ensaios, artigos e estudos da surdez realizados por um grupo igualmente impressionante de colaboradores! A sugestão estimulante de que a surdez pode ser escutada leva-nos imediatamente a perguntar: o que é que (normalmente) a torna silenciosa, ou para além da possibilidade de ser ouvida? Por outras palavras, como foi, historicamente, silenciada a surdez? Isto, por sua vez, conduz a uma outra questão: como é que a surdez pode ser ouvida, ou escutada, *agora*, quando não o podia ser antes? E mais, se a surdez agora está a falar, qual é a voz que utiliza? A sua própria, ou a voz dos outros?

Algumas das respostas a estas questões, e a muitas outras, constituem, em parte, o conteúdo desta colecção, e não é por acaso que surge neste momento em Portugal. De facto, estamos a viver, e a trabalhar, numa época de importantes mudanças em praticamente todas as esferas das sociedades modernas. Entre essas mudanças encontra-se a maneira como os indivíduos e os grupos estão a falar de si, como estão a identificar-se, e a importância que esta «conversa» tem para a maneira como estão de facto presentes no mundo. Até recentemente, os indivíduos e os grupos tendiam a apresentar-se nas sociedades modernas – que assumem a forma de estados-nação – através daquilo que os sociólogos denominavam – no auge do funcionalismo americano – a «representação de papéis». Isto é, os indivíduos e os grupos constituíam a própria sociedade pela via dos papéis sociais que representavam. Assim, e para ilustrar, o advogado no famoso filme americano dos anos 1960, «To Kill a Mockingbird», representado pelo actor Gregory Peck, *assumia o papel* de advogado, não somente andando como advogado, mas também falando como advogado, fumando o seu cachimbo como advogado e, quem sabe, mesmo amando como advogado. Por outras palavras ainda, os papéis sociais da sociedade ancoravam os indivíduos e grupos numa rede de relações sociais que, na base da estabilidade e bem-estar dos anos pós-guerra – incluindo a interdependência institucional que

1. Professor Catedrático, FPCEUP.

tornou possível, por exemplo, uma relativa correspondência entre a escola e a estrutura ocupacional – organizavam a vida social. Claro que os indivíduos e grupos que tinham dificuldade em representar os seus papéis sociais, ou que tiveram dificuldade em encontrar papéis sociais que poderiam ser representados (como os surdos, por exemplo), foram marginalizados das actividades principais da sociedade (organicamente ligadas ao trabalho) e eram, frequentemente, institucionalizados por um estado educador que enunciava o objectivo da sua recuperação para a sociedade da norma.

Hoje, como resultado, entre outros factores, do que A. Giddens tem designado a «destraditionalização das sociedades» e a mudança no papel do trabalho nas sociedades modernas, quer em termos da sua disponibilidade, quer no que diz respeito à sua natureza, os papéis sociais estão a ser dissolvidos ou, no mínimo, «hibridizados». Assim, os indivíduos e grupos, por um lado, «libertam-se» de uma determinação social que definia como deveriam comportar-se e qual era a maneira «correcta» de viver e, por outro lado, reconstruem-se como identidades híbridas que não só se inter-relacionam com causas que estão na base de novas maneiras de viver a cidadania (por exemplo, «a causa inclusiva do movimento dos *disabled*») como também reclamam as suas identidades como uma causa em si (isto é, «eu sou o que sou»). É este último processo que nos obriga, no contexto de um mundo moderno que reivindica como princípio universal os direitos sociais e humanos básicos, a escutar a surdez, porque os surdos são, inseparavelmente, como grupo de identidade, constituídos por ambos os géneros (masculino e feminino), por ricos e pobres, por grupos étnicos variados, por idades e orientações sexuais deferentes, etc., enquanto que, ao mesmo tempo, são indivíduos e um grupo que não reconhecem já a autoridade moral ou política de qualquer instituição tradicional ou moderna – seja ela a igreja, o estado, ou a comunidade local – para definir como eles, como indivíduos e enquanto uma comunidade, deveriam comportar-se ou viver. Por outras palavras, os surdos têm hoje condições para reclamar a sua diferença como a sua própria diferença (quer como indivíduos, quer como grupo) e rejeitam que a sua diferença, enquanto diferença, seja definida pelo outro (a comunidade dos não-surdos), não obstante a generosidade e as boas intenções desse outro. É neste sentido que os surdos, de uma forma cada vez mais audível, falam na primeira pessoa singular e plural, e não através de uma voz que lhes tenha sido (generosamente) doada. Mais, pode defender-se que é neste mesmo sentido que os surdos se tornam num grupo identitário reflexivamente incomensurável. Quanto a mim, este processo tem a grande vantagem de demonstrar ao mundo que para «lidar» com os surdos, é preciso negociar com eles. É certo que a heterogeneidade dos surdos como grupo significa o desenvolvimento de um inevitável conflito entre a identidade surda e outras identidades, mas esse conflito pode ser vivido de maneiras variadas, que vão da imposição de uma identidade dominante sobre as outras à negociação constante e contínua entre identidades conflituantes (por exemplo, entre as diferentes identidades de uma mulher muçulmana, surda, que vive em França e que milita na associação dos pais de uma escola básica).

Finalmente, é importante afirmar que o livro *Perscrutar e Escutar a Surdez*, além de promover a escuta da surdez, também perscruta a surdez, explorando temas tais como a educação, a linguagem, a metacognição, a construção de conhecimento e as experiências dos surdos noutros países, por exemplo, na França e na Suécia. Estes temas são desenvolvidos por espe-

cialistas de diferentes áreas disciplinares, e de trabalho, e de diferentes perspectivas. Tenho a certeza de que essas reflexões contribuirão, no contexto dos surdos e da surdez como movimento social, para a nossa compreensão de como a surdez está a rebelar-se face ao seu anterior silenciamento.

Leça da Palmeira, 25 de Março de 2005